Amizade em forma de gota

O dia começou cedo. A água caía do céu de forma torrencial!

No meio da tempestade, uma gota de chuva sentiu-se sozinha e perdida.

– Como é possível sentir-me assim, no meio de tanta água? – questionou, pensativa.

Pareceu-lhe ouvir uma resposta.

– Plic, ploc, splash, ups, ai, caí no chão. Olá, sou a gota Maria. E tu, como te chamas?

– Eu, bem, mas... eu não tenho nome – tartamudeou a gota, apreensiva.

– Não tens nome? De onde vieste? És tão transparente!

– Estou perdida, triste e cansada. Fartei-me da minha nuvem cinzenta e solitária e decidi voar para bem longe. De onde eu vim, não se ouviam vozes, não havia barulho, não havia salpicos, nem gotas com quem falar. De onde eu vim, só havia chuva torrencial e tempestades. Na minha nuvem, moravam muitos sentimentos: a raiva, a tristeza e a ansiedade. E eu transformei-me em gota, para conhecer o mundo!

– Oh! Eu costumo vaguear pela cidade quando o céu fica cinzento, mas ando sempre acompanhada, por outras gotas coloridas, de guarda-chuva em guarda-chuva, sempre muito animada. O meu nome foi um guarda-chuva antigo, de cor amarelo-torrado, que, um dia, me disse que eu seria a Maria. E desde então, todos me começaram a chamar assim. E a ti, eu vou chamar... amiga! E, como todas as amigas têm nome, tu serás a amiga Rita! – exclamou a Maria.

– Amiga? – questionou, admirada. – De onde eu venho, não há amizade, nem tampouco alguém a quem pudesse chamar amigo. De onde eu venho, não há ninguém. Lá, onde eu morava, não havia ruído; nenhum som existia, só havia solidão!

A Maria, surpreendida com o relato, decidiu mostrar a cidade à sua nova amiga.

Começou uma visita guiada aos monumentos, aos jardins, mostrando-lhe flores, borboletas e cores da região.

Ouviram concertos de música clássica, entraram sorrateiramente em museus de arte, apreciaram pinturas extravagantes e esculturas excêntricas.

Entranharam-se pelo telhado da ópera e do teatro municipal, deslumbraram-se com os cenários e com a imponência teatral.

Aventuraram-se também num festival de arcos-íris, onde se agregavam múltiplas gotas e raios de sol em amenas discussões poéticas.

Descobriram palácios através das suas janelas envidraçadas, sonharam com príncipes e princesas e com contos de fadas.

Sentaram-se ainda em cadeiras molhadas das esplanadas vazias, falaram horas e horas, contaram inúmeras aventuras e riram às mil gargalhadas.

E, sem perceberem bem o que estava a acontecer, surgiram verdadeiros laços de amizade, cativaram-se mutuamente, criaram memórias inesquecíveis, deram luz e cor às suas vidas.

Decidiram, por fim, ir visitar o que apregoavam ser o mais majestoso jardim do país. Cheiraram flores de todos os tipos, cujo aroma se espalhava por todos os cantos do grande parque. Havia tulipas azuis, girassóis dourados, rosas vermelhas e malmequeres brancos da cor da neve.

Passearam por caminhos alagados, até que avistaram uma fonte. Era nessa fonte que as outras amigas da Maria brincavam. Dirigiram-se para lá.

– Olá, está aí alguém? – perguntou a Maria.

– Sim, estamos! – responderam em coro. Quem é essa?

– É a minha nova amiga Rita – respondeu.

– Estas são a Joana e a Luísa, as minhas gotas de sempre – apresentou.

– Olá, sou nova por aqui. Só estou de passagem – esclareceu a Rita.

Depois deste diálogo, a Luísa propôs que fossem nadar um pouco para junto das outras gotas. A nova amiga aceitou. Todavia, explicou que já estava a escurecer e que tinha de pensar no seu regresso.

Apressaram-se a entrar na água. Misturaram-se com milhares de gotas, todas juntas a flutuar.

Estava a ser muito divertido, mas a noite não tardava. Chegava a hora de ir embora. Despediram-se da Joana e da Luísa e lá foram pelo céu fora.

Entretanto, o céu ficou estrelado, sem nuvens no horizonte. Apenas restavam daquele dia chuvoso duas gotas de água.

A Rita e a Maria sobreviveram ao temporal.

– Chegou a hora – anunciou a Rita, tristonha.

– Adeus, minha amiga. Até uma próxima vez! – choramingou a Maria.

E assim se sentiu o sabor de uma verdadeira amizade. O sentimento inexplicável que transformou um dia cinzento, num dia colorido!

Rita voltou para a sua nuvem, com a boleia da brisa fresca da noite.

Chegou ao seu destino e percebeu que nunca mais iria estar sozinha, pois Maria estaria sempre no seu coração. Não mais haveria silêncio, nem solidão. Haveria sempre um coração quente e magia para espalhar!

Assim, aquela gota percebeu que ter amigos com quem contar era ter tudo e dar sentido, luz, cor e som à vida!